

## O Poder das Narrativas Humanas no Quadro Cadeirinhas da TV Globo<sup>1</sup>

Priscilla Bitencourt<sup>2</sup>  
Regiane de Andrade Sá<sup>3</sup>  
Vitor Belém<sup>4</sup>  
Universidade Federal de Sergipe

### RESUMO

Este artigo aborda a interseção entre narrativas humanas e jornalismo diversional, tomando como objeto de estudo o quadro "Cadeirinhas" do programa Fantástico, da TV Globo. O objetivo é compreender como a produção se destaca ao usar histórias de pessoas desconhecidas para entreter e informar, oferecendo uma pausa nas *hard news*. A metodologia utilizada é o estudo de caso (Yin, 2018), centrada em duas edições do quadro. Através da análise, foram codificadas e categorizadas as narrativas, identificando temas recorrentes como superação, resiliência e inclusão, além de refletir sobre a estrutura e a edição das narrativas.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo diversional; narrativas humanas; telejornalismo.

### INTRODUÇÃO

Em 2024, o programa jornalístico Fantástico estreou um novo quadro em sua grade: Cadeirinhas. Trata-se de um modelo de produção que por três anos circulou por espaços públicos do Rio de Janeiro, quando era apenas uma produção local, exibida no telejornal RJTV. O modelo em que um repórter, munido de duas cadeiras de plástico, aborda moradores anônimos da cidade, ganhou repercussão e passou a ter uma versão nacional no programa. Com a mudança, o repórter passou a visitar diversos lugares do Brasil, com as mesmas cadeirinhas para abordar histórias com muitos sotaques.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Sergipe, pesquisadora, editora e apresentadora na TV Sergipe, integrante do Grupo de Pesquisa Jornau. [pritebi@academico.ufs.br](mailto:pritebi@academico.ufs.br)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFS, integrante do Grupo de Pesquisa Jornau. [regiiane\\_sa@yahoo.com.br](mailto:regiiane_sa@yahoo.com.br)

<sup>4</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica, professor do programa de pós-graduação em comunicação da UFS, líder do Grupo de Pesquisa Jornau. E-mail: [vitorbelem@academico.ufs.br](mailto:vitorbelem@academico.ufs.br).

---

Com formato e linguagem distintos de outras produções do programa, o quadro Cadeiras associa algumas estratégias audiovisuais, criando um apelo diversional para o produto que tem uma concepção jornalística. E, com o apelo emotivo para abordar histórias comoventes ou momentos importantes que marcaram a vida dos brasileiros, gera senso de pertencimento sociocultural.

Este tipo de produção, usualmente, enfrenta críticas por ser considerada menos séria ou relevante em comparação com o *hard news*. Está mais próximo do *soft news*, que se caracteriza por um perfil de conteúdo mais leve e com apelo para o entretenimento. O fato é que há um debate consolidado sobre esse tema, reconhecendo perfis distintos de conteúdos socialmente construídos e compartilhados (Schudson, 2010; Tuchman, 1978). Assis (2013) reforça a importância de se reconhecer no jornalismo produtos que vão além do *hard*, chamando a atenção para a possibilidade de apropriação de elementos do entretenimento para enriquecer as narrativas.

Nesse contexto, com o intuito de analisar a associação entre as narrativas humanas e o jornalismo diversional, este artigo se debruça sobre os dois primeiros episódios do quadro veiculados na revista eletrônica da TV Globo, para evidenciar as estratégias adotadas pelas narrativas.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa adota o método estudo de caso para explorar como o quadro “Cadeiras” do programa Fantástico exemplifica o jornalismo diversional através da exploração de narrativas humanas. O estudo de caso é uma metodologia adequada para obter uma compreensão detalhada de fenômenos complexos em contextos específicos, permitindo uma análise contextualizada (Yin, 2018). O processo de pesquisa começou com a seleção dos 2 primeiros episódios do quadro “Cadeiras”, exibidos entre os meses abril e maio de 2024. Vale ressaltar que a sequência de exibição foi interrompida nas semanas seguintes em virtude da cobertura a respeito da tragédia no Rio Grande do Sul, inclusive com o envio do repórter que ancora os episódios, Chico Regueira, ao estado gaúcho.

Os episódios selecionados foram transcritos parcialmente para permitir uma análise para a identificação de padrões e temas recorrentes. As unidades de análise foram então categorizadas em temas: superação, resiliência, discriminação, inclusão e realizações pessoais. A categorização permitiu uma análise temática, identificando a

distribuição desses temas ao longo dos episódios. Além disso, a observação de outros elementos narrativos, como a linguagem utilizada, com as expressões usadas por entrevistado e repórter, além das estratégias de edição, com o uso trilha de abertura e do som ambiente, foram avaliadas para compreender como as narrativas foram estruturadas para maximizar o aspecto humano das narrativas.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No contexto dinâmico do telejornalismo, ao longo do tempo os veículos têm buscado diferentes estratégias na construção da informação a fim de prender a atenção do público, utilizando-se de formatos que vão além do objetivo de informar, mas que buscam também entreter e engajar os telespectadores. Desse modo, o gênero diversional surge como uma prática que se caracteriza pela integração de elementos de entretenimento em narrativas jornalísticas, por meio de estratégias que vão desde o humor até histórias humanizadas, que geram emoção. Conforme explicado por Marques de Melo (2010, p. 3), nesse gênero estão histórias de interesse humano e as histórias, “configurando o gênero diversional, cuja identidade vacila entre o mundo real e a narrativa imaginária”.

Para Assis (2014, p. 125), gênero diversional é também classificado como um “jornalismo de entretenimento” e é caracterizado como o trabalho jornalístico que confere ao repórter a permissão de ser criativo, projetando a diversão no campo do jornalismo, “reconhecendo-a como função legítima e assumindo que há, no fluxo noticioso, produção e consumo de material jornalístico que diverte”.

As histórias costumam ser contadas de forma mais longa, com mais detalhes, diferente dos produtos jornalísticos comuns. O texto dessa natureza destaca fatos, situações, histórias de vida, dramas, situações próximas daquilo que desperta interesse nas pessoas e com aspectos que demonstrem a sensibilidade do repórter. “Procura a essência das ações e das ocorrências, valorizando, primordialmente, as figuras humanas – suas sensações, suas expectativas, suas reações, os vestígios de sua personalidade, etc. – e relacionando-as ao contexto abordado”. (Assis, 2014, p. 254)

Belém (2018) afirma que esse gênero é entendido a partir do interesse do público não somente em notícias “sérias”, mas também, “leves”. Assim, os limites entre o informativo e diversional são desfeitos. Para além de uma discussão de gênero, esse tensionamento entre áreas distintas é também uma estratégia de audiência. Como lembra Rezende (2010), essa ideologia do entreter perpassa toda a produção telejornalística.

---

A respeito dos formatos desse gênero, Marques de Melo (2010) reconhece dois tipos: história de interesse humano e história colorida, que são características utilizadas pelos jornalistas para gerar identificação no público. Com base nessa classificação, Assis (2014) explica que,

Cogitamos que haja uma simbiose entre a história colorida e a história de interesse humano, porque os recursos adotados em ambas as práticas costumam se encontrar num mesmo fazer (às vezes, pendendo mais para as ações – o aspecto *humano* –, outras vezes valorizando mais os detalhes – o *colorido*). (ASSIS, 2014, P. 155)

Assis (2014) e Carmo e Dias (2022) relatam que o propósito das histórias é fazer com que o público se identifique com o acontecimento narrado e nele sejam despertados sentimentos que o emocione, entretenha, faça-o sorrir, chorar, levando-o a uma reflexão diante da experiência de outra pessoa. “A diferença do formato se encontra justamente na carga de emoção atribuída às atitudes dos personagens, de modo a permitir aos seres humanos se enxergarem nas vivências de outros seres humanos.” (Assis, 2014, p. 153) Ao adotar esse gênero no telejornalismo, os veículos se utilizam dessa estratégia para chamar a atenção do público.

O público gosta de receber informação, mas de maneira interessante, comportamento que vale também para os jornais e revistas. Não é de hoje que os noticiários buscam capturar o público pela emoção. Essa preocupação existe desde os primórdios, quando o jornalismo tinha uma roupagem literária. (Bistane e Bacelar, 2022, p. 86)

Portanto, não se trata de um tipo de mudança inédita na estrutura dos produtos televisivos, mas de uma dinâmica de transformações de estratégias que reflete também a necessidade dos consumidores da informação; para despertar a atração do público, refletindo novas temporalidade, é preciso repensar estratégias. Belém (2018, p. 97) explica que diante de um perfil de público cada vez mais ativo e ao mesmo tempo disperso entre múltiplas plataformas, “o conteúdo dos telejornais precisa ser mais atrativo, capaz de distrair e, ao mesmo tempo, informar”. Assim, o gênero diversional pode ser considerado uma das estratégias para alcançar a audiência, inserindo algumas possibilidades de divertimento no campo jornalístico.

De acordo com o Assis (2014), o cenário de produção do jornalismo diversional se diferencia, inicialmente, por não se prender às pautas diárias, ainda que eventualmente possa dar atenção a elas. Isso quer dizer que tende a dar ênfase a acontecimentos que

ultrapassam o imediatismo dos fatos. Ainda conforme o pesquisador, “A leveza propiciada pelo modo de contar – em geral, com a valorização de minudências, a tornar o texto atrativo – não deve ser confundida como equivalente a algo “desimportante”, mesmo que alguns façam tal associação”. (Assis, 2014, p. 142).

O gênero diversional também aborda assuntos sérios, contudo, tem uma predominância nas chamadas *softnews*, definida por Rezende (2010, p. 300) como “ as matérias que, apesar de não se enquadrarem no critério da atualidade, pela permanente relevância dos temas e questões que focalizam, não sofrem o mesmo processo de rápido envelhecimento a que se submete o factual”, são as que se opõem às *hardnews*, que são as matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes, acontecidos no dia, mais factuais. Isso ocorre justamente pela liberdade de criação que os repórteres possuem para contar essas histórias, valorizando cada vez mais as emoções.

A combinação de elementos diversionais nos noticiários, tais como criatividade e narrativas humanizadas, além de possibilitar o acesso à informação, também representa a redefinição dos limites do jornalismo tradicional, que passa por transformações para se adaptar às expectativas da audiência, que está em busca de conteúdo cada vez mais atrativo.

## ANÁLISE E PRINCIPAIS RESULTADOS

Com base na metodologia já apresentada, analisamos os dois primeiros episódios veiculados no Fantástico, considerando que a série foi interrompida em virtude das enchentes e suas trágicas consequências no Rio Grande do Sul. A linguagem, bastante diversa do modelo de telejornalismo tradicional, é um elemento muito contundente na formação do conteúdo como um modelo de jornalismo diversional. Caracteriza-se por um produto com histórias de interesse humano, onde é próprio indivíduo que apresenta, por sua perspectiva pessoal, os aspectos de interesse de sua própria narrativa pessoal que merecem ser mencionados. Como recurso, a narrativa é construída com linguagem coloquial, complementada pela própria informalidade na condução do diálogo entre as partes. Na apresentação dos episódios o repórter se utiliza da informalidade para promover a aproximação do público com a narrativa da reportagem.

Na edição exibida no dia 28 de abril, data de estreia do quadro no Fantástico, a personagem Celena Santos se apresenta com a fala “*adoro suas reportagens*”; ela abraça o repórter que se aproxima da personagem, instala o microfone e a convida para

conversar. Nessa ambiência de uma pausa no fluxo da vida real, para a escuta de uma história real, a primeira pergunta para a personagem é “*Como vai a vida?*”. O repórter conduz a narrativa de forma muito sutil, realizando perguntas que direcionam a narrativa da personagem.

No mesmo episódio, a emoção é evidente da personagem Lorena de Sousa ao responder à simples pergunta: “*quem é você?*”. É o estopim para que o personagem comece a abordar temas de sua própria trajetória. A narrativa pessoal, no entanto, diferentemente dos preceitos associados ao tema do jornalismo diversional, embora tenha elementos que se assemelhem a produtos do entretenimento, apresenta questões relevantes de cunho social. O tema discriminação, por exemplo, aparece nos dois episódios analisados (Quadro 1), seja por questões raciais, seja por outras questões de gênero ou ainda por condições de saúde como o autismo. Embora não se proponha de forma tradicional a discutir tais questões, o episódio as apresenta por meio da experiência de seus narradores. Um resultado que parece ser proposital, já que os locais escolhidos para a abordagem dos entrevistados são espaços públicos populares das cidades onde a população de menor renda circula frequentemente.

**Quadro 1: Categorização dos Episódios**

Episódio	Data	Tempo do VT	Temas Recorrentes
Cadeirinhas: a trajetória de duas mulheres fortes e inspiradoras	28/04/2024	13 minutos e 11 segundos	Desigualdade Social Superação Resiliência Racismo Discriminação
Histórias de vida: as “cadeirinhas” do Fantástico desembarcam nas ruas do Recife	05/05/2024	9 minutos e 33 segundos	Empreendedorismo Discriminação Maternidade Paternidade Superação

Fonte: Elaboração dos autores em 2024

Em termos de edição, nos dois episódios analisados, percebe-se que há mínima inserção de recursos sonoros não naturais para despertar a emoção, a exemplo de trilhas. A trilha aparece na abertura do quadro, mas em outros momentos o som ambiente é ressaltado, reforçando a sensação de naturalidade, com os sons das pessoas e dos ruídos da rua.

A trilha de abertura é um elemento cuja aplicação contribui para o caráter de personalidade adotado na condução da produção. O samba é o ritmo do padrão de abertura,

no entanto a letra da música muda a cada episódio. No episódio do dia 05 de maio, por exemplo, ambientado no Recife, o sambista canta “*Se ligue aí na história de Recife do povo pernambucano que luta por seus direitos*”. O episódio narrou a história de pessoas que enfrentam preconceitos, como a personagem Keyla Santana que tem uma filha autista; a personagem conta como busca a aplicação dos direitos da criança e o enfrentamento dos preconceitos. No entanto, o tempo de uso do recurso sonoro na reportagem é proporcionalmente muito pequeno. Na reportagem exibida no dia 05 de maio foi apenas 1 minuto, levando em consideração os 42 segundos da abertura e os 18 segundos de encerramento, quando os créditos foram exibidos. No programa do dia 28 de abril foi 1 minuto e 22 segundos, considerando 1:05 da abertura e 17 segundos do encerramento.

Durante a entrevista dois enquadramentos são usados na edição. Um plano geral onde repórter e entrevistado aparecem, com as cadeirinhas que dão nome ao quadro e o cenário do espaço público onde houve a gravação. Outro enquadramento é o rosto da entrevistada em *close up*. Imagens do lugar onde a entrevista é ambientada são usadas na abertura e encerramento, com destaque para o som ambiente. As imagens 1 e 2, abaixo, demonstram o padrão de enquadramento das entrevistas, intercalando as intencionalidades em explorar ambiente e emoções.

**Imagem 1: Plano aberto**



Fonte: Captura de imagem de programa exibido em 28/04/2024 – Fantástico.

**Imagem 2: Plano em *close up***



Fonte: Captura de imagem de programa exibido em 28/04/2024 – Fantástico.

## CONCLUSÃO

A análise dos episódios inaugurais da série “Cadeirinhas” no Fantástico, demonstra uma ruptura em modelos tradicionais de elaboração de conteúdos jornalísticos, mesmo com aqueles que se enquadram no amplo conceito de diversionais. Não necessariamente se configura como algo inédito, mas com formato e linguagem que unem elementos poucos presentes em um único produto do telejornalismo. O programa já teve

---

outras experiências no passado, que buscava destacar histórias desconhecidas; portanto, renova-se as estratégias.

De certo, a produção ganha força por estar inserida em um programa que é caracterizado como uma revista eletrônica e, por essa definição, transita entre o jornalismo e o entretenimento, mas é preciso considerar que o Cadeirinhas nasce no âmbito do telejornalismo local até ganhar a versão nacional. Portanto, se apresenta enquanto um produto diferenciado, que pode ser reproduzido nos telejornais e programas jornalísticos.

A escolha por um cenário real e popular, no meio da rua, com a cadeira de plástico como um símbolo da simplicidade, estabelece uma aproximação entre os entrevistados, o repórter e a própria audiência, que potencialmente pode se ver representada pelas narrativas apresentadas. Diálogos simples, coloquiais propõem o início de conversas aparentemente despretensiosas que se aprofundam ao longo do episódio, trazendo à tona temas importantes de relevância social, como a discriminação, a desigualdade social e a superação. Embora pareça ser despretensioso, a equipe de reportagem faz escolhas conscientes que demonstram o interesse em aprofundamento em pautas de relevância social e em questões que podem provocar a emoção no narrador e, por consequência, no telespectador. O uso moderado de trilha e a valorização do som ambiente reforça o apelo sonoro realista dos episódios criando, dessa maneira, uma conjuntura de elementos que permitem a aproximação do público com o pretense recorte do real. A forma proposta pelo quadro cadeirinhas demonstra um caráter híbrido onde a aparente diversão provocada por uma conversa despretensiosa se torna o estopim para relatos profundos que escancaram realidades, desafios, diferenças e desigualdades na vida dos anônimos cidadãos brasileiros.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, F. Gênero diversional. En: Melo, JM de; Assis, F.(Orgs). Gêneros Jornalísticos no Brasil, 2010.

ASSIS, Francisco de. Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira. Tese (doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

BELÉM, Vitor. Quando a informação (con)funde-se com o entretenimento: a hibridização de gêneros no telejornal. Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, 2018. p. 83-98. Disponível em:

---

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/4775/12531> Acesso em 18 de junho de 2024.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto, 2022.

CARMO, Aparecido Santos do; DIAS, Paulo da Rocha. *Jornalismo sobre pessoas: o caso da história de interesse humano*. Líbero, São Paulo. 2022. p. 270-282. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1804> Acesso em: 14 de junho de 2024.

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. (org.). *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. Universidade Metodista de São Paulo, Bernardo do Campo, 2010.

MARQUES DE MELO, José. *Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro*. In: MARQUES DE MELO, José. ASSIS, Francisco de. (org.). *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 23-41.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório* Intercom – RBCC, São Paulo, 2016, p.39-56. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/>. Acesso em: 14 de junho de 2024

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Gêneros no telejornalismo*. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. (org.). *Gêneros Jornalísticos no Brasil*. Universidade Metodista de São Paulo, Bernardo do Campo, 2010. p. 291-313.

SCHUDSON, Michael. *Descobrimos a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. 2010.

TUCHMAN, Gaye. *Making news: A study in the construction of reality*. 1978.